

## Mais três dólmenes da região de Elvas (Portugal).

Por A. DIAS DE DEUS.  
ABEL VIANA.

Depois do estudo feito em 52 dólmenes, restos de dólmenes e outras estações da mesma época, sobre que redactamos alguns trabalhos, uns publicados, outro em vias de publicação (1), efectuamos explorações em mais três dólmenes da região de Elvas, das quais resultam a presente nota.

### *Dólmen n.º 1 de Penaclara.*

Sendo a freguesia de Vila Fernando notavelmente rica em dólmenes, pois em sua área contamos já 16 destes monumentos pré-históricos, na de Barbacena, que lhe fica contígua, tal riqueza é ainda maior, como possivelmente o demonstraremos na sequência destes estudos acerca do Bronze mediterrânico da zona elvensê.

Vários investigadores, quer nacionais quer estrangeiros, entre estes Cartailhac, que ali andou há mais de 50 anos, têm feito pesqui-

---

(1) ABEL VIANA. *Contribuição para a Arqueologia dos arredores de Elvas*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XII, Porto, 1930. ABEL VIANA e ANTONIO DIAS DE DEUS. *Exploración de algunos dólmenes de la región de Elvas, Portugal*, in *Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional*, Madrid, 1951. Aguarda publicação: *Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas*, em que a matéria do trabalho anterior é tratada com mais desenvolvimento.

sas nos dólmens de Barbacena e arredores. Muito superior à dos arqueólogos tem sido, todavia, a actividade dos buscadores de tesouros e dos escavadores mercenários. Estes últimos tiveram autênticos ases, naquela parte do Alto Alentejo. Aham-se no Museu Municipal de Elvas grandes quantidades de instrumentos de pedra polida, de ídolos-placas e outros objectos fornecidos a título oneroso por tal classe de escavadores, pelo que se ignora de que monumentos exactos esses objectos provém.

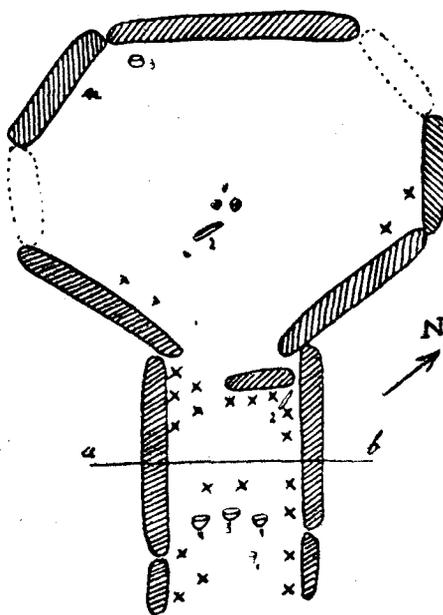


Fig. 1.—Dolmen nº 1 de Penaclara: 1, contos de xisto; 2, facas de sílex; 3, cerâmica; 4, ponta de seta; x, crânios.

O mesmo acontece, e em mais avultada escala, com o que venderam a coleccionadores particulares, especialmente espanhóis (2).

Este dólmen n.º 1 de Penaclara não escapou à sorte comum. Foi violado em época bastante antiga, e a forma tumultuária da escavação não inculca busca realizada sequer com um mínimo de orientação e cautela. Excepto em dois pequenos recantos da câmara, nos quais quatro crânios se conservaram intactos, tudo o mais foi revolvido, resultando disso a pulverização das ossadas e o escaqueiramento da cerâmica e das placas de xisto.

(2) Por exemplo, nas *Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional (1940-1945)*, Madrid, 1947, lám. III, vemos dois ídolos-placas da Colecção Rotondo, provenientes de Barbacena. Sobre a autenticidade do outro exemplar reproduzido também na mesma lám., embora a não tenhamos examinado directamente, temos dúvidas.

*Situação.*—Fica na Herdade de Penaclara, uns 200 metros a nascente do marco geodésico do mesmo nome e uns 300 da estrada que segue de Barbacena a Elvas, quatro quilómetros a partir daquela freguesia.

*Construção.*—Não é tão monumental como os dólmenes da Coutada e Torrão, aos quais se concedeu a qualificação de Monumento Nacional, mas este bem merecia tal providência protectora, porquanto é digno de emparceirar com os melhores da região.

Faltam-lhe apenas dois esteios laterais e, talvez, o “chapeu”. Dizemos talvez porque supomos possível que ele jamais o tivesse,

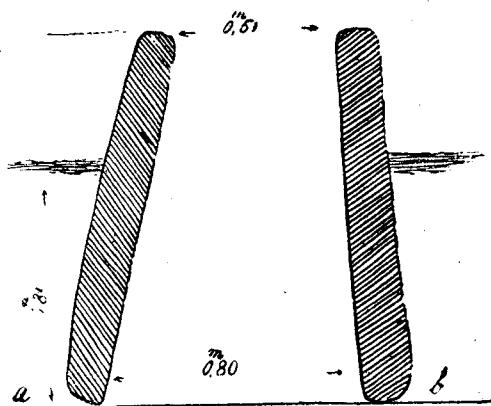


Fig. 2. — Secção do corredor.

pois a posição e tamanho de certos esteios permitem-nos a hipótese de uma construção de falsa cúpula.

A câmara é de planta poligonal (Fig. 1), formando os sete esteios, dos quais se conservam cinco, com abertura da entrada, um octógono salientemente alargado para os lados. O comprimento é de 2 metros, e a largura, ou eixo transversal, de 2,20 m. O fundo da câmara achava-se, presentemente, 0,50 m. abaixo da superfície do solo. Dos conservados, o esteio mais alto é o que, no lado esquerdo, se liga ao da cabeceira, o qual se eleva 0,80 m. da superfície do solo. O da cabeceira rasa com esta superfície, sendo o mais baixo de todos. Os dois da entrada têm 0,90 m. de altura, pelo que, portanto, mostram 0,40 m. acima do nível superficial do terreno.

O corredor, com 1,40 m. de comprimento, somente, é formado por 4 esteios, dando a impressão de achar-se completo. Os dois maiores saem 0,60 m. fora da terra e apresentam grande inclinação para dentro, pois que na base se afastam um do outro 0,80 m. e no cimo

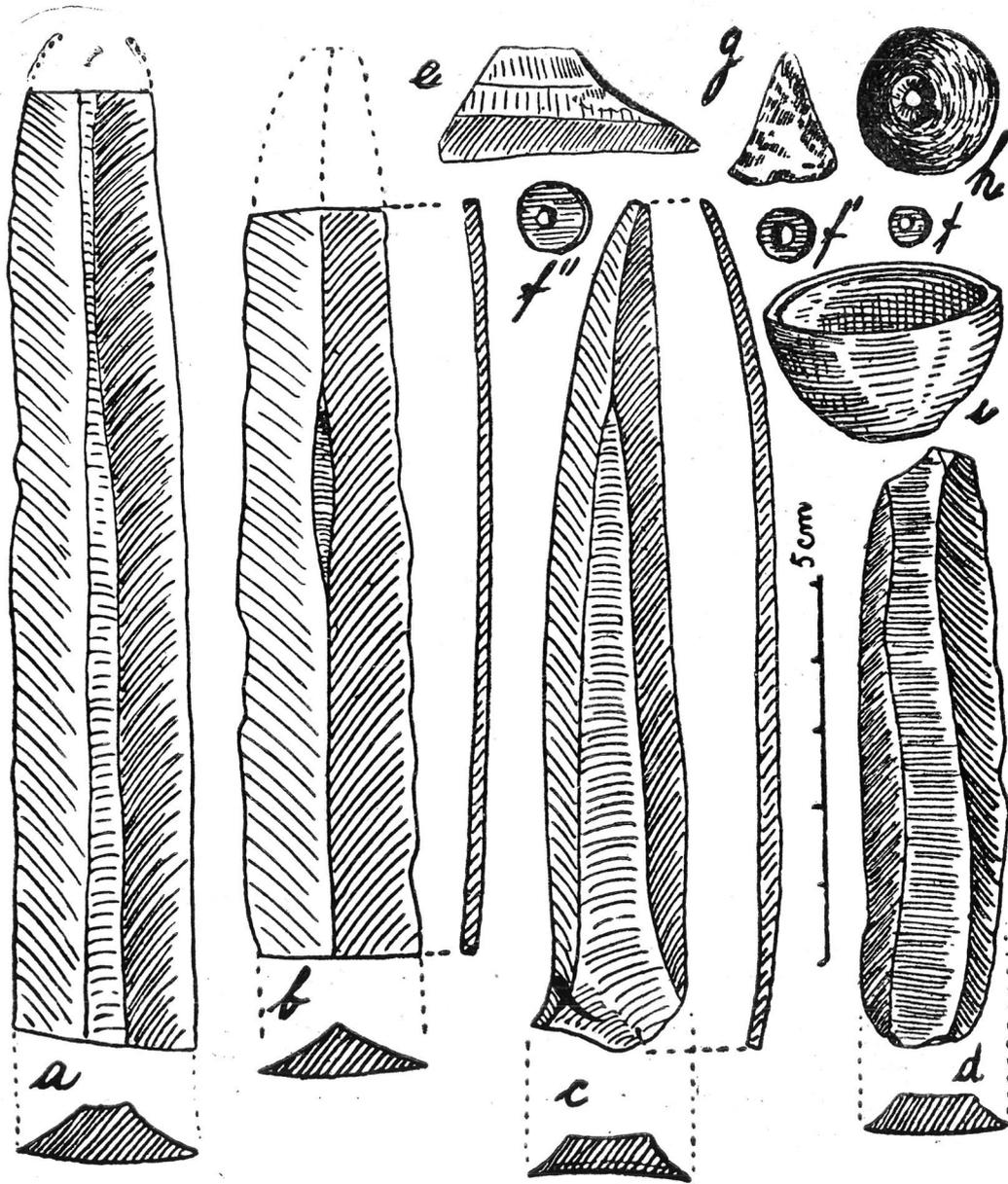
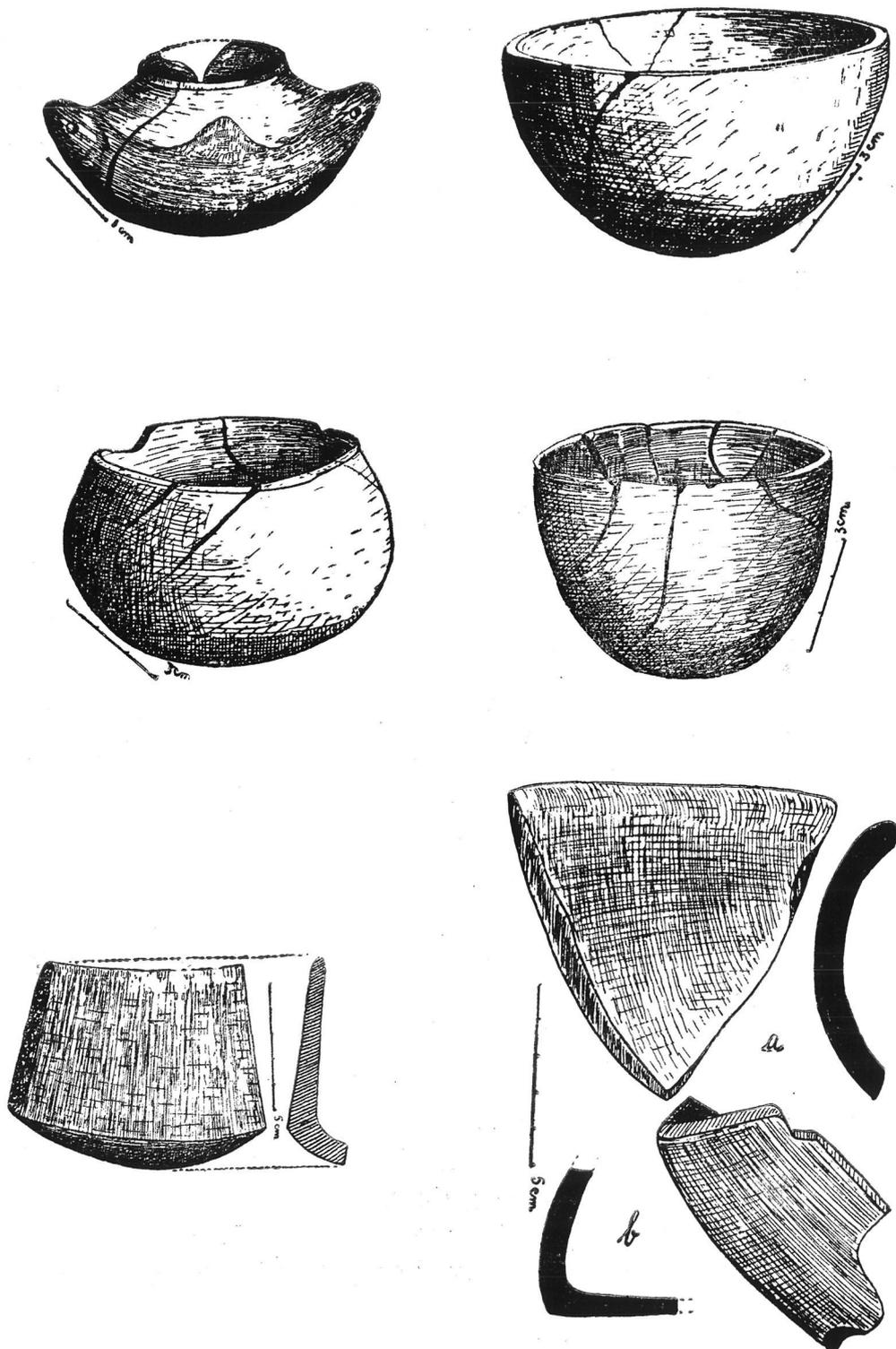


Fig. 3. — Dolmen nº 2 de Texugo: a y d, facas de sílex; e, micrólito trapezoidal; n, conta de serpentina (?); Dolmen nº 1 de Penaclara: b y c, facas de sílex; f, contas discoidales de xisto; g, ponta de seta; i, vasilha de barro.



Figs. 4, 5, 6, 7, 8 e 9. — Cerâmica do dolmen nº 1 de Penaclara.

0,50 m., apenas (Fig. 2). Os dois mais pequenos estão ao nível do solo.

Há uma particularidade curiosa: o pavimento do corredor é mais profundo que o da câmara, sendo de 0,30 m. a diferença entre os dois níveis (Est. I, 3).

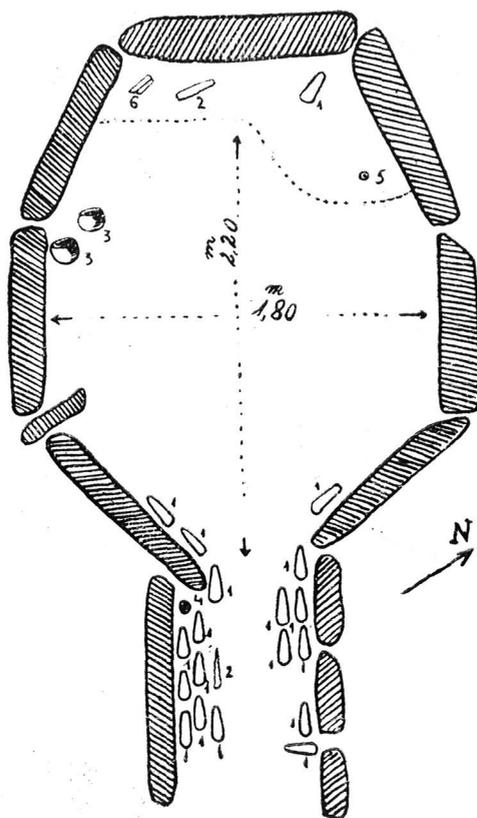


Fig. 10.—Dolmen nº 2 do Terugo: 1, machados; 2, facas de sílex; 3, fragmentos de cerâmica; 4, esferazita da mármore; 5, conta de serpentina (?); 6, micrólito trapezoidal.

*Espólio.*—O terreno da câmara foi, conforme atrás se disse, intensamente revolvido, sobretudo na parte central. Aí se recolheram vários fragmentos de ídolos-placas (Fig. 22-a) e, mesmo no centro, três pequeninas contas discoides, de xisto (Fig. 3, *f*, *f'* e *f''*), e uma linda peça de sílex acastanhado que, pela forma, se assemelha mais a um punhal que a uma faca (Fig. 3-c). Em dois recantos não remexidos, acharam-se quatro crânios, agrupados dois a dois. Noutro ponto colheram-se uma ponta de seta (Fig. 3-g) e uma pequeníssima vasilha de barro, com 0,03 m. de diâmetro, objectos estes que, certamente, pela sua pequenez escaparam aos prováveis rebuscadores (Est. I, 11, à esq.). Na parte mais central da câmara foram

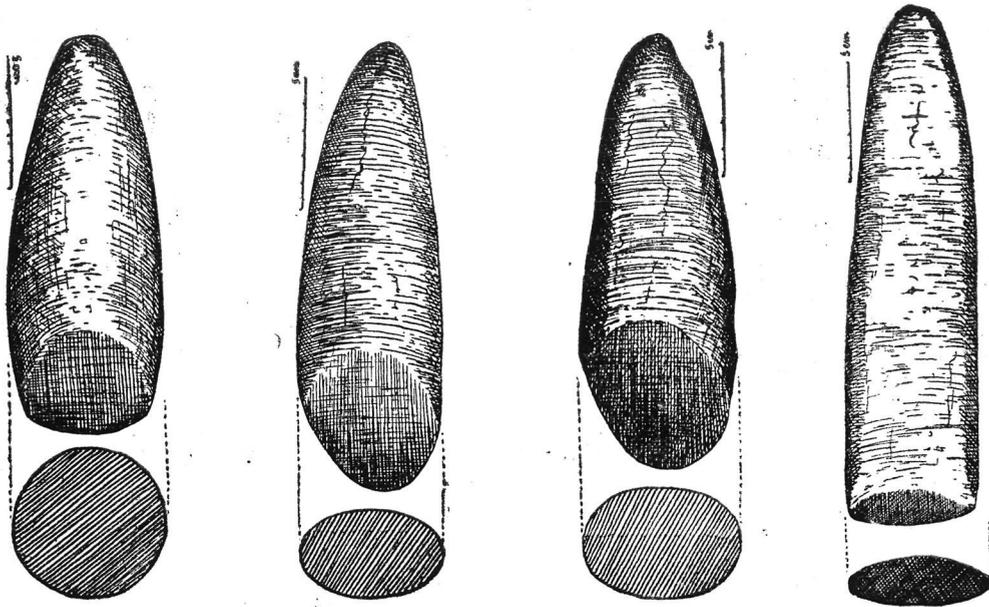


Est. I: 1, Restos do corredor do dólmen nº 2 de Penaclara.—2, Dólmen nº 1 de Penaclara, visto da câmara para o corredor. Ac centro, a estreita entrada da câmara.—3, Dólmen nº 1 de Penaclara. No 1º plano, o corredor. Notar a diferença de nível entre o pavimento deste e o da câmara. — 4, Dólmen nº 2 do Texugo, visto da câmara para o corredor. — 5, Idem, visto do corredor para a câmara. — 6, Idem, no conjunto, fínda a exploração. — 7, Dezasseis machados do dólmen nº 2 do Texugo. Faltam os 3 que se esborcaram. — 8, Nove machados do dólmen nº 2 do Texugo. — 9, Quatro vasilhas do dólmen nº 1 de Penaclara. A da extrema esquerda tem furos de suspensão. 10, Nove machados de secção cilíndrica, do dólmen nº 2 de Penaclara. — 11, Dólmen nº 1 de Penaclara: à esquerda, faca de sílex, minúscula vasilha de barro e fragmento de faca; à direita, fragmento de grande faca de sílex, esferazita de mármore e pequena faca de sílex.



colhidos, ainda, muitos fragmentos cerâmicos pertencentes a, pelo menos, cinco formas diferentes de vasilhas (Figs. 8 e 9).

Aos violadores do dólmen não interessou o corredor, pelo que, este se conservou intacto. Na escassa superfície de 1,40 m.  $\times$  0,80 m., surgiram 19 crânios (Vid. Fig. 1), e entre eles o fragmento de uma faca de sílex (Fig. 3, b) e quatro urnas, das quais duas com a boca voltada para baixo e as duas restantes um pouco inclinadas sobre



Figs. 11, 12, 13 e 14.—Machados de pedra do anta nº 2 do Texugo.

o flanco (Figs. 4, 5, 6 e 7), uma delas com orifícios de suspensão abertos em asas mamilares.

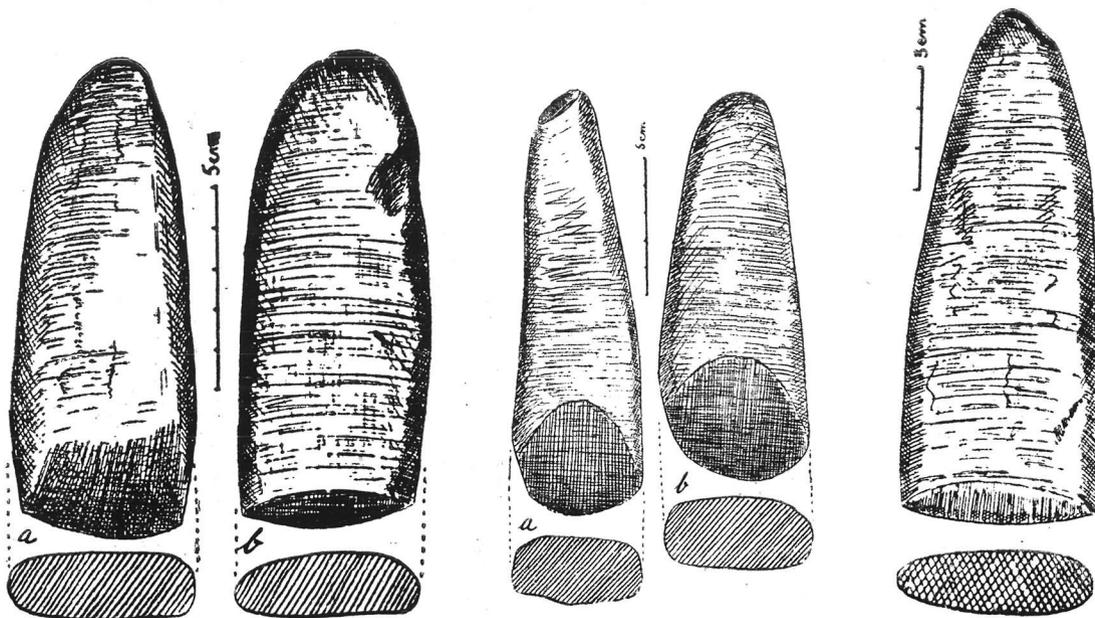
Com excepção de 4 crânios, que estavam mais à superfície, tudo o mais jazia a 0,80 m. de profundidade.

#### *Dólmen n.º 2 de Penaclara.*

Afastado uns quatro metros a nascente do marco geodésico de Penaclara, emerge do chão o topo de dois esteios paralelos, marcando o lugar de outro dólmen.

O que resta do monumento é apenas um pequeno corredor, ou porção de corredor, com 1,20 m. de comprimento por 0,60 m. de largura e 0,40 m. de fundo, constituído por quatro esteios, dois dos quais mais salientes. O conjunto lembra, à primeira vista, uma pequena cista megalítica (Est. I, 1).

Dentro acharam-se dois crânios e profusão de outros ossos, em quantidade demasiada para corresponderem unicamente a dois indivíduos. E nada mais ali se continha.



Figs. 15, 16 e 17.—Machados de pedra do anta n.º 2 do Texugo.

#### *Anta n.º 2 do Texugo.*

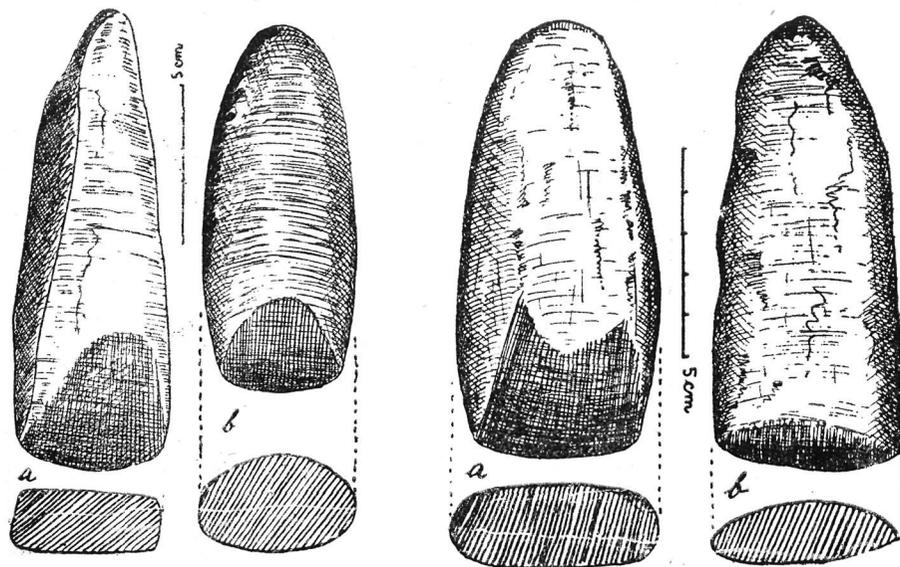
Entre Vila Fernando e Vila Boim, ergue-se uma série de pequenos montes, dois quais o mais elevado é o Atalaião, ou Atalaia dos Sapateiros, seguindo-se-lhe, por ordem decrescente, os de Alcarapinha, Sobreira e Paço. As suas vertentes suaves e as planuras que lhes ficam na base são, pela natureza do solo e pela abundância de águas, muito férteis, o que certamente já sucedia há milênios, daí a preferência que lhes deram as populações do Bronze, luso-romanos e romano-visigóticos. Todos por ali deixaram abundantes sinais de presença.

Nesta área relativamente extensa, os dólmenes estão geralmente situados a meia encosta ou colocados em ligeiros cômodos das planuras, junto a nascentes ou fios de água. Aproveitando a existência de afloramentos rochosos, calcários, de fácil arranque, os construtores dos dólmenes aproveitaram para estes as rochas da região, pelo que raramente aparece o esteio de granito, a não ser nos monumentos de maiores proporções.

As construções, embora feitas nos moldes dos grandes monumentos, não mostram, contudo, por efeito da natureza da rocha,

aquela imponência dos dólmenes de esteios muito elevados, com o respectivo “chapéu” a cobri-los.

Pelo contrário, os esteios destes dólmenes não atingem, na maioria dos casos, elevação superior a 0,50 m. acima da superfície do solo, tendo uma espessura que varia de 15 a 40 centímetros. Não lhes resta o “chapeu” nem conservam as ordens de lajes que testemunham a falsa cúpula.



Figs. 18 e 19. — Machados de pedra do anta nº 2 do Texugo.

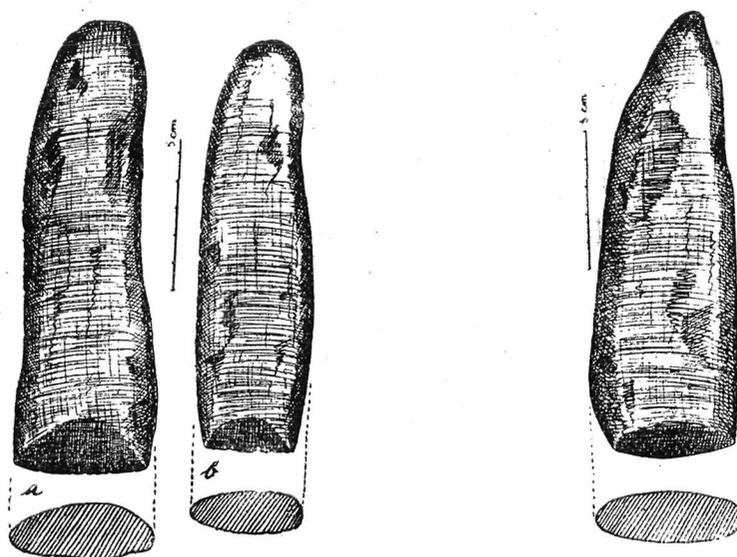
*Situação.*—O dólmen n.º 2 do Texugo, da freguesia de Vila Boím, reconhecido e explorado em abril de 1951, fica situado 1.500 metros a sudeste do Atalaião e a 300 do Monte do Texugo, em terreno de meia encosta. Foi edificado no espaço compreendido entre dois afloramentos rochosos.

*Construção.*—A câmara é poligonal, com 1,80 m.  $\times$  2,20 m. e é composta de sete esteios (Fig. 10), o maior dos quais, à cabeceira, tem 1 metro de largura por 1,40 m. de altura a partir do fundo do dólmen. Os outros esteios medem 0,80 m. e 0,90 m. de alto. Todos eles emergem do solo 30 a 40 centímetros. A seguir ao esteio da entrada, do lado esquerdo, e entalado entre este e o esteio contíguo, fica uma laje delgada, saliente uns 0,30 m. para o interior da câmara, formando uma pequena divisória. Os dois esteios da entrada são os mais inclinados para dentro e distam 0,60 m. um de outro.

Os do corredor vêm encostar-se aos da entrada com um afastamento de 0,20 m. entre os respectivos topos, formando um pequeno

ressalto de cada lado. O corredor mede somente 1,20 m. de comprimento, sendo que um dos lados é constituído por um só esteio com essa extensão; o outro é formado por três pequenas pedras.

A câmara desce a 0,95 m. na parte mais funda, que é junto ao esteio da cabeceira e dos dois laterais que se lhe encostam, um de cada lado. Existe aqui uma pequena cavidade, 0,20 m. abaixo do restante pavimento, a qual continha grande abundância de ossos colocados indistintamente.



Figs. 20 e 21. — Machados de pedra do anta nº 2 do Texugo.

O pavimento do corredor estava revestido de uma camada de pedras miudas, formando uma espécie de calçada. Também na câmara se nos deparou um empedrado semelhante. Este, porém, apareceu 0,30 m. abaixo da superfície do solo, a dividir o interior da câmara em duas camadas.

*Espólio.*—Na camada mais superficial encontramos dois esqueletos muito decompostos e, misturados com estes, fragmentos de três vasilhas.

Na camarada inferior, subjacente ao empedrado, achamos mais 14 crânios e muitos outros ossos. Estes crânios estavam dispostos em roda, junto à base dos esteios, mostrando assim que os corpos haviam sido depositos com os pés voltados para o centro da câmara, na posição, tal vez, de sentados. Junto à cabeceira, como se disse já, existia uma espécie de ossário. Nesta segunda camada, mais comprimida e

endurecida, o espólio foi diminuto: 3 machados com a rocha tão alterada que se esboroaram; uma faca fargmentada (Fig. 3-a), um micrólito trapezoidal, de sílex (Fig. 3-e) e uma conta, muito imperfeita, de rocha verde, transparente (Fig. 3-h).

Foi no corredor, principalmente nos cantos junto aos esteios da entrada da câmara a rente às paredes que nós encontramos abun-

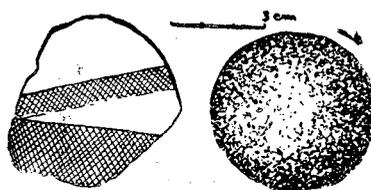


Fig. 22.—Esferadita de mármore e fragmento de placa de xisto.

dância de material. Dali ratiramos 16 machados de tipos variados (Est. I, 7, 8 e 10), uma esferazita de mármore branco (Fig. 22-b) e uma pequena faca de sílex, muito perfeita (Fig. 3-d; Est. I, 11). Com excepção de dois, os machados mostram gume muito afiado, sem sinais de terem sido utilizados.

Quanto a cerâmica, registram-se somente alguns fragmentos no ponto da câmara assinalado na Fig. 10.

Os machados deste dólmen do Texugo, podem, quanto à forma geral, ser classificados da seguinte maneira:

- De secção aproximadamente circular. Figs. 11 e 13.
- De secção mais ou menos elíptica. Figs. 5-b, 12, 17, 18, 19-b, 21.
- De secção mais ou menos rectangular. Figs. 16-a, 16-b, 18-a, 19-a, 20-a.
- De secção plano-convexa. Figs. 14, 15-a, 29-b.
- Quanto ao contorno do gume:
  - De gume quase rectilíneo. Figs. 15-a, 15-b, 17.
  - De gume ligeiramente arqueado. Figs. 9, 18-a, 18-b, 19-a, 19-b, 20-a, 20-b, 21.
  - De gume bastante arqueado. Figs. 11, 16-a.
  - De gume muito arqueado e descaído para um dos lados. Figs. 12, 13, 16-b.

Relativamente ao pulimento, este ora se estende pelas duas faces, ora se apresenta cuidado só em uma delas.

Apesar de tanta diversidade nestes pormenores, os exemplares aqui tratados têm como características comuns a assimetria mais ou menos pronunciada e um certo grau de imperfeição, se os compararmos com os de outros conjuntos de instrumentos de pedra pulida onde aparecem goivas, escopros e machados chatos (a que também damos o nome de enxós).

Propõe-se geralmente como certo que os machados de secção central cilíndrica são os mais antigos. Nós temos-os visto, tanto na região de Elvas como na de Monchique (Algarve), associados a machados planos, ou enxós, e a outras peças peculiares à época culminante da I.<sup>a</sup> Idade do Bronze Mediterrânico. O que de certo modo inculca antiguidade, nestes do grupo do Texugo, é o ar de rudeza de todos eles.

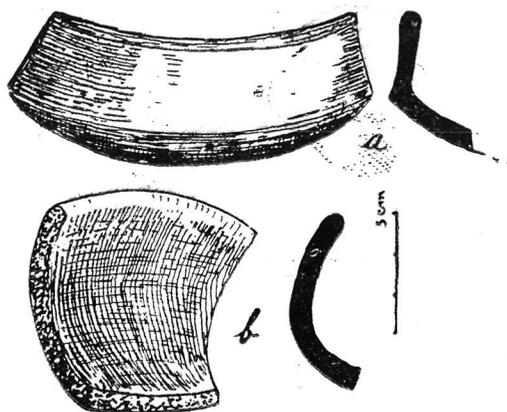


Fig. 23.—Fragmentos de cerâmica do anta nº 2 de Texugo.

Aos variadíssimos objectos que até agora exumamos em dólmenes da região de Elvas vem juntar-se mais uma espécie, de muito interesse: o pequeno vaso, que lembra uma lâmpada, representado na Fig. 4. Apresentamo-lo também na Est. I, 9, à extrema esquerda, porém, como o exemplar se encontra por reconstituir, o desenho dá melhor ideia da sua forma.

No Museu Etnológico do Dr. J. Leite de Vasconcelos (Belém), há uma vaso idêntico, proveniente da região de Évora (3). Neste, contudo, as saliências são perfuradas verticalmente, o mesmo acontecendo a outros, de Espanha, tais como um de Llanos del Jautón, Purchena, Almeria (4), e outro de Lorca, Múrcia (5), todos eles, todavia, de forma e tamanho algo afastados deste do dólmen n.º 1 de Penaclara.

(3) J. LEITE DE VASCONCELOS *De terra em terra*, vol. II, pág. 77; *O Archeologo Português*, vol. IV. Estampa de pág. 134, fig. 6. (Lisboa, 1927 e 1898, respectivamente).

(4) A. DEL CASTILLO. *El Neoneolítico*, in *Historia de España*, dirigida por Menéndez Pidal, vol. I, pág. 535.

(5) J. R. MELIDA. *Corpus Vasorum Antiquorum*, Fasc. 2; Série V-a; Est. 2, nº 8.

Nestas pesquisas em dólmenes, como, de resto, em qualquer outra espécie de jazigos arqueológicos, temos aplicado sempre a máxima atenção às condições de jazida, observando e anotando todos os pormenores, por insignificantes ou excessivamente secundários que pareçam.

Tratando-se de terreno anteriormente revolvido, o exame resulta inútil do ponto de vista de interpretar o modó por que as tumulações dos cadáveres foi realizada, mas se ele se conservou intacto, podem-se estabelecer algumas hipóteses, se bem que tais conjecturas sejam, por sua natureza própria, muito precárias.

Não há dúvida de que os dólmenes foram destinados a sepulcros colectivos. Pondo de parte aqueles em que a qualidade do solo não consentiu a conservação das ossadas (e, evidentemente, estão igualmente fora de causa aqueles que, em qualquer tempo, foram esvaçados de seu conteúdo), em alguns não achamos mais que restos de três ou quatro esqueletos, ao passo que outros, caso muito mais frequente, nos patentearam dezenas deles, por vezes pouco mais ou pouco menos da centena.

Sucede, também, haver dólmenes em que a grande maioria dos esqueletos se encontrava no corredor, e não na câmara.

Não é crível que, em regra, a tumulação de tantos corpos fosse simultânea, mas sim efectuada no decurso de um lapso de tempo por vezes muitíssimo longo. Torna-se difícil de compreender, porém, como, no caso de haver, no pequeno âmbito de uma câmara, tão elevado número de esqueletos, sem, ao que parece, a tumulação dos últimos cadáveres ter afectado a posição dos que já lá se encontravam. Quer dizer, em tais casos, parece que a tumulação de tantos indivíduos ocorreu de uma só vez.

Em outros casos, vemo-nos em presença de verdadeiros ossários, estabelecidos em qualquer recanto da câmara, seja ao nível do pavimento desta, seja em pequeno covacho. Isto significa, sem dúvida, que houve tumulações sucessivas, as quais obrigaram a uma conveniente arrumação dos despojos fúnebres anteriores.

A acumulação de muitas ossadas em certa porção do corredor, que às vezes não chega a um metro quadrado de superfície, implica, por seu turno, a ideia de ossario, pois seria impossível a colocação de tantos cadáveres em tão reduzido espaço, a menos que se fossem depositando tão espaçadamente que no momento da colocação de uns já se tivesse operado a consumação total dos anteriores.

Raro se nota, quer nas câmaras quer nos corredores, sensível diferença de níveis. O amontoamento de ossadas na câmara ou no

corredor de certos dólmenes é tamanho que forma no pavimento primitivo uma perfeita brecha ossífera com alguns centímetros de espessura, cobrindo-se de concreção calcária todo o mobiliário, principalmente a cerâmica e as peças de xisto.

Por cima do pavimento primitivo, mas não muito acima, aparecem, de quando em vez, sinais de tumulações mais recentes. No entanto, além da ligeira diferença de nível que raríssimas vezes se nota, nada mais temos observado que nos permita calcular se a diferença no tempo, entre estas tumulações, foi grande ou pequena.

O espólio de cada dólmen tem sido, em todas as circunstâncias, de uma tão clara homogeneidade que somos levados ao convencimento da sua indubitável contemporaneidade.

E não queremos avançar mais no escorregadio terreno das suposições.